

## **Espírito do lugar como estratégia de leitura da Paisagem uma abordagem colaborativa à compreensão de um jardim histórico público**

DIMENSÃO HUMANA DO PROJETO, DO PLANEJAMENTO E DA GESTÃO DA PAISAGEM  
ARTIGO ACADÊMICO CIENTÍFICO

Autor 1: Profa. Ma. Ana Paula de Andrea Dametto/PPGMP-UFPEL/anapaula.andreadametto@gmail.com  
Autor 2: Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vieira/ PPGMP-UFPEL /sid.geo@gmail.com

### **RESUMO**

Os jardins históricos públicos enfrentam múltiplos desafios à sua manutenção, preservação e gestão. Compreender a dinâmica social relacionada às qualidades ambientais desses lugares é essencial para trazer a dimensão humana às práticas de preservação patrimonial. Este artigo apresenta uma revisão teórica sobre as categorias lugar, paisagem e espaço e revisa a noção de “*Genius loci*” e a teoria do fenômeno do lugar como fundamentos à construção de uma base teórica e metodológica à compreensão do *espaço* e do *caráter* de um jardim histórico público. Uma abordagem colaborativa é desenvolvida para apreender o espírito do lugar em uma praça ajardinada localizada no centro histórico da cidade de Pelotas, RS, Brasil. O instrumento “Caminhada dialogada e impressões fotográficas” mostrou-se efetivo à captura de informações sobre o lugar, ao entendimento de relações entre pessoas e ambiente, além de iluminar aspectos relevantes da materialidade e imaterialidade deste jardim histórico público.

**PALAVRAS-CHAVES:** espírito do lugar; jardim histórico público; leitura da paisagem; metodologia colaborativa.

### **ABSTRACT**

Historic public gardens face multiple challenges in their maintenance, preservation and management. Understanding the social dynamics related to the environmental qualities of these places is essential to bring the human dimension to heritage preservation practices. This article presents a theoretical review of the categories place, landscape and space and reviews the notion of “*Genius loci*” and the theory of the phenomenon of place as foundations for the construction of a theoretical and methodological basis for understanding space and the character of a public history garden. A collaborative approach is developed to capture the spirit of place in a landscaped square located in the historic center of the city of Pelotas, RS, Brazil. The instrument “Dialogue walk and photographic impressions” proved to be effective in capturing information about the place, understanding relationships between people and the environment, in addition to illuminating relevant aspects of the materiality and immateriality of this historic public garden.

**KEYWORDS:** spirit of the place; public historic garden; landscape reading; collaborative methodology.



## 1 INTRODUÇÃO

### 1.1 Os desafios da preservação de jardins históricos em paisagens vivas

Os jardins históricos públicos dos centros urbanos brasileiros são componentes de uma paisagem viva. Compreender a dinâmica desses espaços e preservar seus valores é um grande desafio. O contexto da vida cotidiana na contemporaneidade reflete os conflitos vivenciados pela situação social antagônica de diferentes grupos e etnias que se manifestam nos espaços públicos. As praças ajardinadas e parques são testemunhos da formação de cidades e lugares centrais muito utilizados pela população.

Os jardins históricos públicos servem à múltiplas funções urbanas como: passagem e conexão entre lugares; pontos de referência, socialização e descanso; ambiente de história, memória e arte; lugar de trabalho; local de feiras, de festividades e de encontros; lugar de contato com a natureza; lugar de acolhimento à população. Essa multifuncionalidade traz diversos desafios ao lugar que não está preparado para absorver tantas funções e serviços. Os jardins históricos frequentemente não possuem planos que visem a sua manutenção, conservação e gestão. A elaboração desses tipos de planos exige um conhecimento mais aprofundado do espaço geográfico, da paisagem e do lugar, que considere a complexidade formativa, as camadas e dimensões que estruturam o habitar, os tecidos urbano e social.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 O “Lugar” em foco

Lugar é uma parte do espaço geográfico que detém certas características que o fazem apropriado à vida e às atividades cotidianas. Mais que uma localização, representa o envolvimento das pessoas com o espaço que elas ocupam. A corrente fenomenológica na Geografia faz uso da noção dessa categoria para a compreensão das relações pessoas-ambiente. De acordo com Yi Fu Tuan “as ideias de ‘espaço’ e ‘lugar’ não podem ser definidas uma sem a outra. [...] se pensarmos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar” (TUAN, 1983, p.7). A comparação filosófica entre espaço e lugar realizada por Yi-Fu Tuan enfatiza o conceito de pausa para a definição de um lugar. As coisas materiais auxiliam a definir lugares em diferentes escalas como: um guarda-sol na praia; um cômodo de uma casa; uma edificação isolada em uma rua; um arranjo de caminhos e árvores em meio ao espaço urbano, ou, em escala maior, todos os elementos que constituem um bairro, cidade ou região.

Porém, as coisas isoladamente não fazem acontecer um lugar. Elas necessitam estar associadas às práticas sociais, ao cotidiano das pessoas, à história e à memória. Um lugar pode permitir diferentes eventos e atividades e proporcionar ambiente estruturado ao desenvolvimento de distintas tarefas. Em um espaço urbano existirão elementos móveis, como: as pessoas, a fauna, objetos antrópicos em movimento; e/ou imóveis construídos ou naturais, como: as edificações, os equipamentos e mobiliários urbanos, a vegetação, o relevo, os corpos d’água, etc. Esse conjunto de coisas estrutura o movimento da vida que acontece nos lugares. Desta forma, as paisagens dos lugares possuem “temporalidades” (INGOLD,1993) que não podem ser separadas do todo, da estrutura ambiental e dos grupos sociais que as movimentam.



A percepção de lugar acontece em diferentes graus de profundidade. A versão de um lugar obtida por um visitante tenderá a ser mais superficial e diferente daquela do habitante, o qual vive o cotidiano e se relaciona de diferentes maneiras com esse espaço. Essa relação entre o indivíduo e o espaço está associada com as qualidades ambientais do lugar como: microclima, relevo, presença ou ausência de vegetação e de água, tipos de edificações, luminosidade, coloração e textura dos materiais, etc; e também com os significados atribuídos pelas pessoas à essas coisas que constituem esse lugar. A percepção do lugar que se manifesta na mente das pessoas depende da leitura de mundo dos indivíduos que se relacionam com ele. Esta leitura está condicionada ao funcionamento dos órgãos sensoriais, às diferentes fases que compõem o ciclo da vida (infância, vida adulta e velhice), à cultura, às tradições e aos modos de habitar o mundo (TUAN, 1980, p.68-85).

Existe uma relação profunda entre espaço, paisagem e lugar na conformação do ambiente. Um espaço geográfico contém inúmeras paisagens e nem todas são representativas do ambiente por completo, pois são finitas. A ideia de paisagem está vinculada aos conceitos de habitat e de lugar, e das relações entre sociedade, cultura e natureza. A cada paisagem e lugar podem ser atribuídas três diferentes qualidades: ambiental, funcional e estética. A qualidade ambiental mede as possibilidades de vida e sobrevivência dos seres no ambiente existente; a qualidade funcional avalia o grau de eficiência do lugar quanto às oportunidades para realização de atividades humanas; e a qualidade estética apresenta os valores sociais atribuídos ao lugar, os elementos de identificação e referência cultural (memória e história), os gostos e os modos de fazer das comunidades em um período temporal (MACEDO, 2015, p.17, grifo nosso).

Para Edward Relph todo lugar estabelece-se em determinado espaço geográfico e apresenta paisagens. A experiência humana, suas intenções, definem o lugar. A vida acontece em lugares que possuem significados e que apresentam paisagens, e da mesma forma, as paisagens e os espaços detêm lugares. Espaço, paisagem e lugar são categorias que se inter-relacionam e que constituem o “mundo vivido” e que definem a “geograficidade”. A categoria lugar, culturalmente, pode ser considerada fundamental nos estudos fenomenológicos porque focaliza espaço e paisagem no contexto das intenções e experiências humanas (RELPH, 1979, p.16-18).

O arquiteto e urbanista Lineu Castello entende que um lugar “[...] é um espaço que se torna percebido pela população por motivar experiências humanas a partir da apreensão de estímulos ambientais.” (CASTELLO, 2005, p.17). Para ele, um lugar poderá acontecer em razão de motivos oriundos das relações pessoas-ambiente que podem ser divididos em três grupos: estímulos de natureza sócio-cultural (narrativas, história, tradições, etc.); estímulos de natureza morfológico-imagética (dons naturais, estética, fama, representação de uma fantasia, etc.); e estímulos de natureza frutífero-funcional (conveniência, utilidade, fruição sensorial, refrigério, prazer, etc.). (CASTELLO, 2005, p.20)

Castello define três tipos principais de lugares segundo os estímulos pessoas-ambiente: Os lugares de *Aura* que acontecem em razão de estímulos oriundos preferencialmente da dimensão do imaginário espacial do lugar. O lugar poderá ter atributos naturais, construídos, paisagísticos, frutíferos-sensoriais que estimulam a sua valorização pelas pessoas. Os lugares da *Memória* que acontecem em função de estímulos mais subjetivos nas relações pessoas-ambiente, onde a dimensão temporal adquire uma maior importância. A história do lugar, a memória de eventos passados, atividades culturais tradicionais, ou ainda elementos construídos e naturais poderão funcionar como elementos evocativos de memórias. Os lugares da *Pluralidade* que acontecem



preferencialmente pelo imaginário social local, tendo como foco as relações interpessoais, o lazer, o prazer, a mistura, a diversidade. (CASTELLO, 2005, pp.20-29).

Ainda sobre a relação entre lugar e tempo há uma noção bastante utilizada na área do patrimônio cultural que é a de “lugar de memória”. A memória e a identidade das pessoas se estabelecem em lugares que detêm um poder evocativo. Sobre este assunto Pierre Nora observa que um lugar de memória acontece concomitantemente nas dimensões material, simbólica e funcional. Ele existe para barrar o esquecimento, para perpetuar e evocar lembranças identitárias e que são referências para um coletivo (NORA, 1993, p.22). A partir dessa ideia de “lugar de memória”, um lugar pode ser um objeto material, um espaço aberto, uma localidade que reúne um conjunto de coisas e até uma região. Um lugar de memória não está diretamente associado à história oficial do lugar pois pode representar um grupo de indivíduos que ainda está na obscuridade da memória social e coletiva. No entanto, ainda a maior parte dos lugares de memória do patrimônio arquitetônico e paisagístico está vinculada à lembrança de eventos históricos, sociais e culturais, que representam em geral grupos de maior poder social e econômico.

O entendimento da categoria “Lugar” auxilia para a compreensão dos espaços abertos ajardinados urbanos de interesse histórico na contemporaneidade, onde elementos materiais e imateriais conjuntamente estabelecem uma determinada atmosfera e espírito que compõem o legado que se deseja preservar. Mais que uma localização, um lugar representa o envolvimento físico, espiritual e emocional das pessoas com o espaço que elas ocupam. Entretanto, é através da observação e leitura das paisagens dos lugares que se realiza o processo de caracterização e compreensão do *espírito do lugar*.

## 2.2 O lugar da paisagem no espaço geográfico

Para que se possa compreender a organização espacial, ou o que chamamos simplesmente de espaço geográfico, é preciso levar em conta, em uma perspectiva dialética, a relação existente entre forma, função, estrutura e processo (SANTOS, 1985; CORRÊA, 1987). A forma diz respeito aos aspectos visíveis do espaço, aquilo que lhe é exterior, material, objetivo. A forma não pode ser analisada isoladamente. Uma casa, um bairro ou uma cidade são formas em diferentes escalas. Já a função, implica em uma atividade ou tarefa, ou mesmo o papel a ser desempenhado pela forma, pelo objeto em si. Assim, habitar, viver o cotidiano, comprar e consumir são funções associadas às formas casa, bairro e cidade, por exemplo. Forma e função não podem ser dissociadas na organização espacial e também não são suficientes para explicar o espaço, sob pena de cairmos em uma análise funcionalista da realidade. Há que se considerar a estrutura, entendida como o modo pelo qual os objetos estão organizados, como se inter-relacionam entre si. Corresponde, por exemplo, à natureza social e econômica da sociedade em um dado momento. Por fim, o processo trata de uma ação visando a um resultado qualquer, de modo contínuo e implica em tempo e mudança. É a própria estrutura em movimento e transformação. Justamente, a partir da compreensão da relação dialética entre forma, função, estrutura e processo que se pretende analisar a totalidade social e sua espacialização (CORRÊA, 1987).

Aprofundando a perspectiva dialética, Santos (1996, p.51), aponta que “o espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”. Assim, ao considerar a análise da realidade a partir da paisagem, deve-se entendê-la enquanto forma, constituída por objetos e, nessa perspectiva dialética que se está assumindo aqui, considerada enquanto sistema. Isso vale dizer que não se trata de uma análise isolada da paisagem, mas sim, como um par necessário, junto com os sistemas de ações, para a compreensão do espaço. De





qualquer modo, uma ressalva epistemológica é necessária, para que se faça a distinção entre espaço e paisagem. Dado a definição de espaço, entende-se, também com Santos (1996, p. 83), que a paisagem é “o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza”.

Assim, desloca-se do espaço um dos seus elementos constitutivos, apenas como possibilidade analítica, pois, enquanto realidade dialética, não participa do processo de maneira isolada, sem a sociedade, sem a humanidade que anima as formas e lhes dá conteúdo. Entende-se a paisagem enquanto a materialidade objetiva, concreta e material, forma-conteúdo dos modos de produção que lhes deram origem e, mais especificamente, aos momentos específicos desses modos de produção. Quando a ação da sociedade se dá sobre o espaço, na verdade se dá sobre formas enquanto realidade social, ou seja, sobre formas-conteúdo, compostas por objetos já valorizados socialmente, sobre os quais se pode estabelecer novos valores (SANTOS, 1996).

A paisagem adquire assim a característica de objetivação das relações sociais de produção, que contém em si a materialidade da existência social de um determinado momento. Tal materialidade pode ser perfeitamente datada por intermédio da análise das técnicas, visto serem, “um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza a sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço” (SANTOS, 1996, p. 25). Aqui o trabalho do geógrafo e do arqueólogo se aproximam. Enquanto para os arqueólogos o objeto permite identificar uma cultura e uma época, para os geógrafos é importante observar como as ações do presente incidem sobre os objetos vindos do passado (SANTOS, 1996, p. 60).

A materialidade artificial é possível de ser datada, assim como se faz com a materialidade natural a partir da observação dos processos naturais que atuam na formação de uma determinada configuração geomorfológica, por exemplo. As técnicas de produção, comércio ou consumo, enquanto fenômenos históricos, podem identificar as relações sociais de produção de um dado momento. Pode-se dizer que as próprias representações que a sociedade estabelece acerca do seu espaço também estão presentes nas formas materiais produzidas. “Não há humanização do planeta sem uma apropriação intelectual dos lugares, sem uma elaboração mental dos dados da paisagem, enfim, sem uma valorização subjetiva do espaço”, no entendimento de Moraes (1988, p. 16). As formas criadas, por intermédio das técnicas utilizadas, estão cheias de “concepções, valores, interesses, mentalidades, visões de mundo. Enfim, todo o complexo universo da cultura, da política e das ideologias” (MORAES, 1988, p. 16).

É neste momento que se propõe a semiótica, entendida como uma ciência dos signos e dos processos significativos na natureza e na cultura, como uma possibilidade de análise da realidade para entendimento dos processos sociais que a conformaram, lhe deram forma e da qual é composta. Entende-se a possibilidade de uma leitura reversa do processo, tal seja, a decodificação dos discursos e das representações presentes na paisagem, entendidos enquanto signos e linguagem (PIERCE, 1997; SANTAELLA, 2002).

### 3 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

#### 3.1 O espírito do lugar enquanto ideia estruturante à compreensão da atmosfera de um jardim histórico público

As paisagens idealizadas em forma de jardins nasceram em conjunto com a prática agrícola e o plantio de frutas, hortaliças e ervas medicinais. Também tinham o objetivo de tornar o ambiente mais aprazível para se viver. A originalidade do jardim e seu destaque em relação às plantações





agrícolas estava na composição paisagística e nos diferentes níveis de leitura, representações e significados. Os jardins expressaram maneiras de apropriação e transformação do ambiente natural, narraram histórias, lendas e mitos, contribuíram para os conhecimentos de botânica, expressaram ideias filosóficas e forneceram às pessoas “paraísos” onde era possível socializar e cultivar o espírito através da arte paisagística. (PANZINI, 2013, pp. 14-16)

Existe a crença de que os lugares detêm espíritos guardiães de seus valores e qualidades. “*Genius loci*” foi uma expressão utilizada na Antiguidade para explicar que todo “ser independente” (pessoas e coisas) possuía um espírito guardião, que acompanhava esses indivíduos e lugares do nascimento até a morte determinando o caráter e a essência (NORBERG-SCHULZ, 1980, p. 18). A ideia de uma componente espiritual acontecia nas antigas civilizações e esse pensamento provocava sentimentos que influenciavam nas atitudes dos indivíduos perante o mundo. Portanto, determinados sítios foram marcados como lugares místicos e mostraram a estreita ligação da natureza com a ordem cosmológica de grupos de humanos em diferentes partes do planeta (PANZINI, 2013, p.23-35). Uma compreensão mais contemporânea encontramos na Declaração do Quebec, documento desenvolvido no âmbito do ICOMOS e que é voltado à preservação dos espíritos dos lugares. Esta declaração define o *espírito do lugar* como:

“[...] os elementos tangíveis (edifícios, sítios, paisagens, rotas, objetos) e intangíveis (memórias, narrativas, documentos escritos, rituais, festas, saberes tradicionais, valores, texturas, cores, odores, etc.), ou seja, os elementos físicos e espirituais que dão sentido, valor, emoção e mistério ao lugar.” (ICOMOS, Québec Declaration, 2008, p.2)

Para caracterizar um jardim histórico e compreender seus significados, constituição e principalmente seu “*Genius loci*” é necessário trazer a luz as camadas materiais e imateriais da sua existência. Estudiosos do fenômeno do lugar, como Norberg-Schulz, acreditam que a arquitetura, os objetos e os lugares criados pelo homem detêm um caráter, uma atmosfera, um espírito. O lugar é visto como ponto de partida para a uma investigação estrutural onde inicialmente se apresenta como um dado, espontaneamente vivido como uma totalidade e, ao final desvenda-se como um “[...] mundo estruturado, iluminado pelos aspectos do espaço e do caráter” (NORBERG SCHULZ In NESBITT, 2013, p.454). Norberg-Schulz destaca os planos que estruturam a paisagem (os planos de piso, de paredes e de teto) como elementos que devem ser percebidos como horizontes, fronteiras e enquadramentos. O caráter do lugar é expresso através do significado do conjunto material que transmite uma *atmosfera*. O espaço é compreendido como mais que uma entidade geométrica, ele reúne os aspectos sociais da existência humana. Sendo assim ele pode ser visto como um “espaço existencial” que nesta corrente de pensamento corresponde às relações entre os modos de vida dos indivíduos e o seu meio ambiente. Schulz divide o conceito de “espaço existencial” a partir de dois termos que se complementam, “espaço” e “caráter”, e que estão relacionados com as funções físicas básicas de “orientação” e “identificação”. (NORBERG SCHULZ In NESBITT, 2013, p. 455).

Pode-se compreender a palavra “espaço”, isenta de adjetivos, como uma organização tridimensional e relacional de sistemas, elementos e seres que em conjunto com o “caráter” determina o *espírito do lugar* ou *atmosfera*. Essa *atmosfera* reúne atributos, arranjos e condições físicas e sociais que provocam determinadas atitudes e comportamentos nos indivíduos que habitam o lugar. Portanto, o lugar, além de ser uma localização espacial, é



considerado como uma totalidade, um fenômeno qualitativo global e local, que é parte integral da existência humana.

O *espírito do lugar* desvenda-se a partir das experiências que o espaço social e o ambiente estruturado proporcionam aos indivíduos. Essas experiências dependem da composição de variáveis que estão associadas às características e qualidades da paisagem do lugar e dos grupos sociais que habitam e usufruem desse espaço. Esse ambiente poderá variar: quanto à estrutura espacial, morfologia, ordenamento e composição dos elementos estruturantes (naturais e construídos), os quais estarão associados à uma estética e à uma poética; quanto ao caráter material e substancial dos elementos (propriedades das formas, volumetria, textura, cor, luz, estado de conservação, etc.); quanto aos aspectos funcionais do espaço, condições de conectividade, acessibilidade e legibilidade espacial; quanto à duração, permanência dos elementos na paisagem: períodos do dia, estações do ano, e a longo prazo um conjunto de anos, como décadas e séculos (camadas temporais); quanto aos processos e sistemas naturais e ecológicos; quanto aos processos e sistemas antrópicos; quanto aos grupos que usufruem e agem sobre o lugar (etnia, situação social, práticas culturais, tradições religiosas e sociais, faixa etária, sistemas perceptuais).

Propõe-se compreender o *espírito do lugar* como uma ideia que agrupa as diferentes camadas que concorrem à formação da *atmosfera* de um lugar. Sugere-se uma distinção inicial de duas camadas que juntas compõem o “*espaço*” e o “*caráter*” (NORBERG-SCHULZ, 1980) de um jardim histórico público: a camada tangível que está na dimensão da materialidade, que se apresenta imóvel por um determinado período de tempo, e que se manifesta através dos elementos e sistemas naturais e antrópicos; e a camada intangível que é oriunda do pensamento, da memória e que se encontra na dimensão imaterial do pensar e do fazer humanos, e nos elementos de identidade cultural (cultura, tradições, crenças, saberes, etc.) que se manifestam na paisagem.

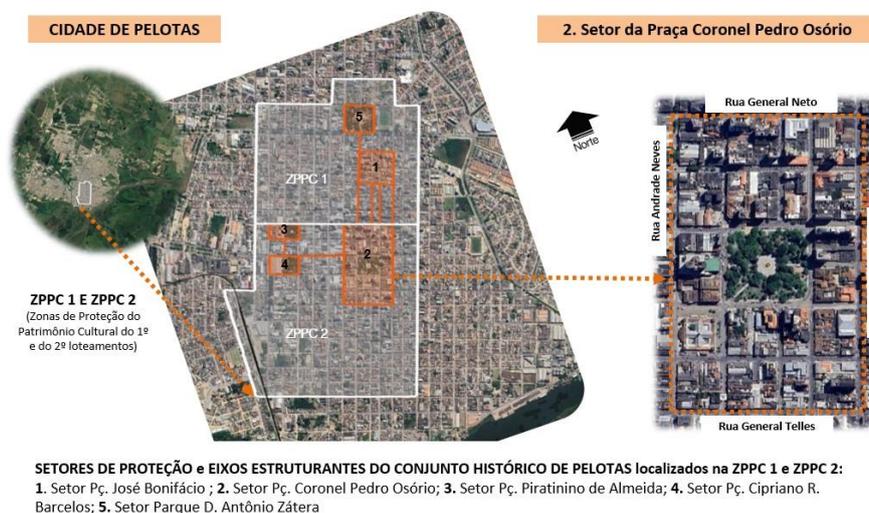
Essas camadas juntas formam “totalidades ambientais”. Portanto, o *espírito do lugar* está intimamente relacionado aos modos de vida que animam os lugares, a maneira como o patrimônio cultural é compreendido e apropriado, podendo ter alterações no seu entendimento por mudanças locais e pela influência do mundo globalizado. Acredita-se que a ideia estruturante de *espírito do lugar* em camadas que se complementam deve ser considerada nas políticas, legislações e práticas de salvaguarda no âmbito do patrimônio cultural paisagístico. A fluidez, a pluralidade e a possibilidade de reconstrução do espírito de um lugar exigem que ele seja constantemente verificado nas práticas patrimoniais. Além disso, um lugar poderá ter diferentes espíritos que o animam, e isto fica evidente quando se trata de um patrimônio paisagístico urbano.

No âmbito da tese voltada ao desenvolvimento de uma metodologia para caracterização de um jardim histórico público criou-se um instrumento de investigação com abordagem colaborativa e centrado na dimensão humana. Este instrumento permite ler a paisagem, interpretar o lugar e o espaço social através de um método de observação colaborativo, utilizando a percepção subjetiva dos indivíduos como instrumento à identificação de elementos que constituem as diferentes camadas de um jardim histórico público. Essa forma relacional de interpretar o “lugar” é uma estratégia mais sensível à obtenção de informações. Os diferentes olhares e subjetividades dos participantes desse instrumento que pode ser compreendido como uma cartografia visual coletiva narrada colaboraram e auxiliaram no processo de compreensão do lugar, do espaço e do caráter do jardim histórico público observado.

### 3.2 Caminhada dialogada e impressões fotográficas: uma abordagem colaborativa ao entendimento do espírito do lugar

A intenção deste instrumento de investigação foi iluminar elementos que constituem o *espírito do lugar* de um jardim histórico público a partir de um processo coletivo e compartilhado de observação espacial. O local onde foi aplicado este instrumento, em formato de oficina, foi a Praça Coronel Pedro Osório<sup>1</sup>, primeira praça da cidade de Pelotas/RS (Figura 1). Reuniu-se um grupo de pessoas para uma oficina chamada “Caminhada dialogada e impressões fotográficas” para ser realizada através dos ambientes da praça. Esse instrumento foi inspirado na *Walkthrough* (RHEINGANTZ et.al., 2009, p. 23) um tipo de caminhada avaliativa que já foi utilizada em diferentes formatos por pesquisadores da área de avaliação pós-ocupação (APO). No contexto desta proposta metodológica entende-se por “Caminhada dialogada e impressões fotográficas” a ação de caminhar pelo lugar, fotografar aquilo que chama a atenção e compartilhar com os demais integrantes do grupo as suas impressões enquanto realiza a caminhada através dos ambientes que constituem o jardim histórico em investigação. O diálogo (durante o período de caminhada) foi realizado utilizando o aplicativo WhatsApp em um grupo criado especialmente para o evento. Portanto, o uso de um smartphone foi condição para participar da oficina. Foi elaborado um roteiro e fez-se uma explanação ao participante sobre o conceito de espírito do lugar e o que poderia ser observado no jardim: as pessoas, os ambientes, os elementos materiais (tanto os construídos como os naturais) e os imateriais (cores, odores, texturas, símbolos, discursos expressos através da materialidade, as atitudes e comportamentos das pessoas, formas de uso e apropriação, etc.).

Figura 1: Situação e localização da Praça Coronel Pedro Osório na Cidade de Pelotas



Fonte: Montagem com imagens de satélite do Google Earth elaborada pelos autores.

<sup>1</sup> A Praça Coronel Pedro Osório localiza-se na área central de Pelotas, RS. Foi a primeira praça ajardinada da cidade e está localizada na Zona de Preservação do Patrimônio Cultural do município, mais especificamente no segundo loteamento da cidade. Foi tombada pelo IPHAN em 2018 e fornece nome à um dos setores do “Conjunto Histórico de Pelotas”.



Foram elaboradas perguntas e atividades as quais as pessoas deveriam responder para estimular o processo do diálogo. Foram elas: Fotografe e comente junto à foto o que você considera importante neste lugar; Registre através de fotos os elementos que despertam os seus sentidos (visão, audição, tato, olfato, paladar); O que está bom e te acolhe neste lugar? O que está ruim? Fotografe e compartilhe as fotos colocando a palavra bom e ruim junto à foto; Existe algum ambiente que tu consideras especial? Fotografe-o e comente; Comente o que consideras essencial para preservar o espírito e a atmosfera deste lugar; Exprima em uma palavra teu sentimento ao estar neste lugar.

Ao final da caminhada foi combinado um encontro em um local da praça (estação para diálogo) onde as pessoas explicaram o que observaram, o que perceberam e essa conversa foi gravada em vídeo. Foram oferecidas duas oficinas na sexta-feira do dia 08 de dezembro de 2023, uma pela manhã das 9:00 às 11:00 e outra pela tarde das 17:00 às 19:00. O período de realização das oficinas durou aproximadamente duas horas.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A ideia de oferecer a oficina em dois diferentes turnos do mesmo dia foi interessante pois demonstrou o quanto a atmosfera do lugar se modifica ao longo do dia. Pela manhã a praça estava mais tranquila, sem muitas pessoas. Existiam trabalhadores da construção civil montando as estruturas decorativas para o Natal, pessoal da limpeza urbana e algumas pessoas passeando calmamente ou simplesmente transitando pelos caminhos da praça. Notou-se a presença de idosos apanhando sol, de uma mãe com a sua filha observando o lago, a decoração de Natal, os peixes e os cágados (pequenos répteis semelhantes a tartarugas). O som dos pássaros era bem marcante. Alguns moradores de rua reunidos em um dos caminhos diagonais da praça conversavam e, de tempos em tempos, aparecia uma viatura da polícia fazendo um controle da segurança do local. Nos demais caminhos os bancos estavam ocupados por outras pessoas que desfrutavam do ambiente da praça.

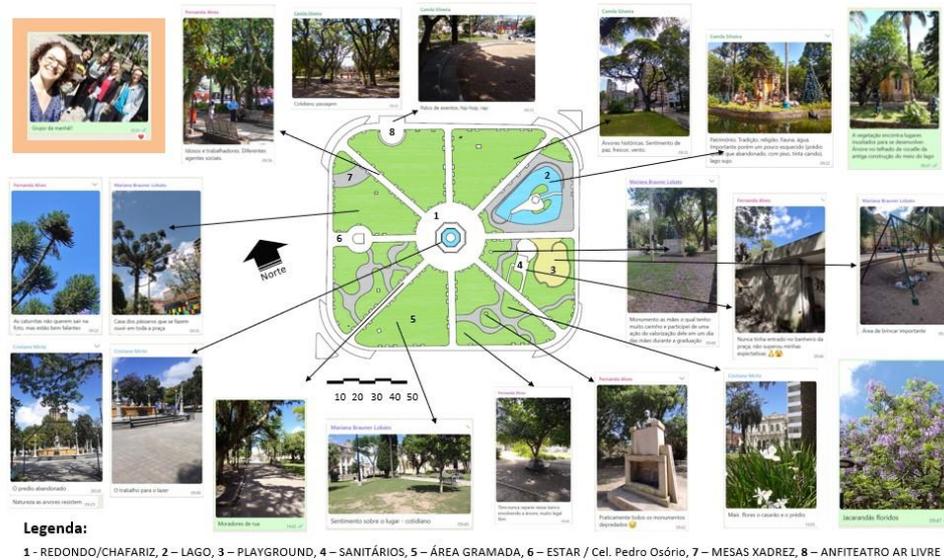
O grupo de observação da manhã (Figura 2) era constituído por cinco mulheres que compartilharam suas impressões e memórias. Uma das participantes chamada Camila trabalha em uma casa no entorno da praça. Ela comentou que uma das coisas boas que aconteceu recentemente foi a instalação de luminárias na praça, o que permitiu o uso dos espaços até bem mais tarde, próximo das 22:00. Disse que não costuma ficar muito tempo na praça, para ela o lugar é mais passagem. Porém, acredita que o espaço poderia estar bem melhor conservado por ser um lugar que abriga feiras e festividades. Destacou como ponto negativo o abandono do lago, onde os animais estão a própria sorte e concluiu que a oficina oportunizou uma sensação de “descoberta”. Outra participante, a Mariana, disse que sempre utilizou a praça, faz parte do seu “cotidiano”. Usa o lugar para leitura, descanso e lazer. Quando seu filho era pequeno frequentava bastante, faziam piquenique no gramado, levavam brinquedos e passavam toda a tarde na praça. Comentou que a praça já esteve bem melhor com relação a sua manutenção e conservação. Disse que a oficina oportunizou ver os ambientes com atenção e constatou que o estado de conservação está bem pior do que imaginava. Outra participante, a Fernanda, disse que apesar de ser pelotense e morar no centro não tinha o hábito de utilizar a praça. Sua família achava o lugar inseguro e perigoso. Disse que descobriu muitos ambientes interessantes com a oficina o que oportunizou para ela um “novo olhar” sobre o local. Comentou que o público da manhã provavelmente seria diferente do público da tarde e que isto seria interessante observar.





Outra participante, a Cristiane, disse que têm muitas lembranças positivas da infância em relação a praça, levava sua irmã menor pra andar de balanço e brincar. Disse que a experiência foi muito positiva e que a praça para ela é um “Oásis” no centro da cidade. Ao final da atividade, durante a gravação dos vídeos, surgiu um “morador da praça” que se apresentou para colaborar com a sua experiência de vida, se chamava João. Disse que é na praça que ele recarrega as suas energias e que a praça para ele significa “Liberdade”.

Figura 2: Planta da praça com algumas impressões fotográficas dos participantes do grupo da manhã



Fonte: Autores e participantes da oficina “Caminhada dialogada e impressões fotográficas” do grupo da manhã - Camila Silveira, Cristiane Miritz, Fernanda Alves e Mariana Lobato, 08/12/2023.

O grupo da tarde era formado por dois homens e três mulheres. A praça à tardinha estava bem mais movimentada e a música que vinha do Mercado Público tornava o ambiente mais animado. Diferentes grupos sociais compartilhavam os espaços da praça: jovens apanhando sol no gramado e brincando com seus cachorros; famílias passeando e levando os filhos para brincar no playground; diferentes pessoas observando o Presépio e os animais do lago; homem que a mais de 20 anos fotografa as crianças no cavalinho de madeira próximo ao lago; grupos sentados nos bancos conversando; rapaz tocando violino; casais namorando em lugares menos movimentados; pessoas transitando entre o Mercado Público e a Praça. O grupo da tarde era composto por pelotenses e moradores mais novos na cidade. Os participantes compartilharam memórias de infância e também realizaram descobertas ao observar com mais atenção os ambientes da praça.

A participante Gicelma, disse que desde criança seu pai proporcionava para ela e seus irmãos piqueniques na praça. Conviviam com sem preconceito com todas as pessoas presentes. Dividiam o lanche, conversavam e aprendiam coisas novas. Para ela a praça foi um “aprendizado” para a sua vida. Hoje costuma ir aos eventos e festividades que acontecem na praça. Para Jaime o espírito do lugar está relacionado com as “árvores”. Sentiu uma conexão muito forte com elas e disse que isso remete a sua ancestralidade. Consegue passar longos momentos de tranquilidade lendo seus livros nos espaços mais silenciosos e arborizados da



praça. Para Sidney a praça proporciona uma sensação de isolamento da cidade e neste contexto o entorno da praça não chama a sua atenção, mas os elementos que constituem a praça sim. Para ele, e para outros participantes da oficina como a Ana e a Gicelma, as memórias de infância na praça são muito presentes. As brincadeiras, o trezinho que contornava o chafariz, as fotos no cavalinho de madeira, o algodão doce. Para Gicelma e Sidney a praça representa “paz”. Para a Juliana que não é de Pelotas a praça também é “socialização”, porém mais tranquila que em festas. Ali costuma encontrar amigos para conversar. Porém, ficou decepcionada pois o chafariz não está funcionando. Como trabalha com monumentos e obras de arte urbanas ficou decepcionada ao ver a situação das obras do artista Antonio Caringi, principalmente a estátua do Monumento às Mães que está descuidada e sem uma estrutura adequada ao seu redor que permita a sua contemplação.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oficina “Caminhada dialogada e impressões fotográficas” demonstrou ser um instrumento interativo, colaborativo e de fácil execução para registrar as percepções dos indivíduos sobre um jardim histórico público. Trata-se de um processo de cartografia visual coletiva que utiliza a narrativa dos participantes para desvendar o *espaço* e o *caráter* da praça. As impressões e os diálogos realizados apontam as diversas faces que um mesmo lugar pode apresentar. A Praça Coronel Pedro Osório reúne muitas nuances e atmosferas a depender do período do ano e do que acontece ou está programado para acontecer em seus ambientes. Eventos como a Feira do livro, as feiras de artesanato e de antiguidades, e as festividades de Natal transformam a praça e lhe fornecem novas atmosferas e espíritos. Percebe-se que na rotina do cotidiano a Praça Coronel Pedro Osório, além de ser um lugar de história e memória, é um Lugar da Pluralidade, onde grupos sociais diversos a utilizam e compartilham seus ambientes. Essa praça, segundo os participantes da oficina traz os sentimentos de paz, de descoberta, de cotidiano, de socialização, de liberdade, de aprendizado através de um novo olhar, de ser um oásis repleto de natureza onde as árvores possuem um papel extremamente importante ao espírito do lugar.

Observou-se que o uso do aplicativo WhatsApp na oficina facilitou o processo de diálogo por se tratar de uma ferramenta de comunicação muito utilizada pela maioria das pessoas. Em um tempo onde há a necessidade de resgatar a dimensão humana nos processos de projeto, planejamento e gestão, considera-se este tipo de abordagem extremamente relevante. Por se tratar de um instrumento em desenvolvimento a maioria dos participantes eram estudantes do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural e da Geografia. É importante ressaltar que este instrumento pode ser adaptado à diferentes objetivos e públicos. Ofereceu uma abordagem metodológica mais dinâmica e lúdica para a leitura da paisagem e para a apreensão do espírito do lugar de um jardim histórico público.

## 6 REFERÊNCIAS

CASTELLO, Lineu. **Repensando o Lugar no projeto urbano. Variações na percepção de Lugar na virada do milênio (1985-2004)**. Tese (Doutorado em Arquitetura) - Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/5112> Acesso em: 18 jan. 2022.



- CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.
- ICOMOS. Resolutions and Declarations. **The Quebec Declaration on the Preservation of the Spirit of the Place**. 2008. Disponível em: <https://www.icomos.org/en/resources/charters-and-texts>
- INGOLD, Tim. The Temporality of the Landscape. **World Archaeology**, Vol. 25, No. 2, Conceptions of Time and Ancient Society (Oct., 1993), p. 152-174. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4624874/mod\\_resource/content/1/33.INGOLD.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4624874/mod_resource/content/1/33.INGOLD.pdf)  
Acessado em 19/12/2023
- MACEDO, S. **Quadro do paisagismo no Brasil: 1783 – 2000**. São Paulo: EDUSP, 2015.
- NORA, Pierre. Entre memória e história, a problemática dos lugares. **Projeto história**, 10, dez. 1993.
- MORAES, Antônio Carlos Robert. **Ideologias geográficas**. São Paulo: HUCITEC, 1988.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. O fenômeno do lugar (1976). In: NESBITT, Kate (org.). **Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965 -1995)**. Tradução Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2ª ed., rev., 2013, p.443-461.
- PANZINI, Franco. **Projetar a natureza: arquitetura da paisagem e dos jardins desde as origens até a época contemporânea**. Tradução Letícia Andrade. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013.
- PIERCE, Charles, Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- RELFH, Edward C. As bases Fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, 4 (7): 1-25, abril, 1979. Rio Claro, SP, Brasil - ISSN 0100-7912 - ISSN 1983-8700. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/14763>.  
Acessado em 19/12/2023.
- RHEINGANTZ, Paulo Afonso; *et al.* **Observando a qualidade do lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupação**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2009.
- SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Pioneira, 2002.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.
- TUAN, Yi-fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL/Difusão Editorial S.A., 1980.